

**A DURA REALIDADE DA MULHER MORADORA
DE COMUNIDADES, POR MEIO DO OLHAR
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dorcas Pinto Paiva (UEMS)

dorcaspp@hotmail.com

Andre Benatti (UEMS)

andrebenatti@uems.br

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar reflexões a partir do conto “Quantos filhos Natalina teve”, de “Olhos d’água” (2016), de Conceição Evaristo. Ela expressa e representa, por meio dos seus textos, indivíduos marginalizados, na grande maioria mulheres e crianças, contribuindo assim para que conteúdos como estes se insiram na literatura brasileira contemporânea, o engajamento da sociedade na luta pela igualdade de direitos para as mulheres, principalmente a negra feminina.

Palavras-chave:

Favela. Conceição Evaristo. Mulher negra e parda.

ABSTRACT

This article aims to present reflections from the short story “How many children Natalina had” from “Olhos d’água” (2016) by Conceição Evaristo. She expresses and represents, through her texts, marginalized individuals, mostly women and children, thus contributing to the inclusion of contents such as these in contemporary Brazilian literature, the engagement of society in the struggle for equal rights for women, especially black women.

Keywords:

Favela. Conceição Evaristo. Black and brown women.

1. Introdução

O significado de favela segundo o dicionário Michaelis sinaliza: “Área de povoamento urbano, formada por moradias populares, onde predominam pessoas socialmente desfavorecidas. Essa comunidade é o resultado de um processo histórico de exclusão social e de um modelo de má distribuição de renda. Em geral carece de saneamento básico” (Dic. MICHAELIS, 2006).

Consequentemente “favela” tem um peso social, desde os tempos do colonizador português e dos fatos conhecidos mundialmente, por conseguinte ao falar a palavra favela, vem nos à mente a inexistência de

estruturas básicas tais como: saúde, saneamento, água, energia, esgoto etc. Paralelamente à desigualdade existe uma questão dúbia, pois de um lado temos os moradores associados ao crime e do outro temos moradores identificados como vítimas da sociedade.

Dessa forma, ambos os estereótipos têm algo em comum: são associados aos aspectos morais, às condições objetivas de existência destas pessoas, mostrando um perfil preconcebido de suas práticas e vivências cotidianas. Entre as desconformidades existentes na América Latina, constatamos a violência contra a mulher de uma maneira geral, e com um peso ainda maior quando esta mulher é negra, parda, pobre ou com idade avançada.

Os afrodescendentes, em sua maioria a margem da sociedade brasileira, sem habitação, recorrem as favelas que formam verdadeiros centros adjacentes, espaço visto como facilitador de violências, associadas aos crimes ou não, ocasionado pelo desemprego e a fome. Neste aspecto a favela pode ser entendida como um território de maioria negra, como construção da base material sobre a qual é produzida a história.

Conceição Evaristo, escritora negra manifesta-se no seu tempo, contemporânea que é e a partir de sua vivência enxergou as trevas no meio das luzes sociais, conforme afirma Agambem (2009):

Todos os tempos são para quem dele experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo, é justamente aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEM, 2009 p. 62)

A afrodescendente, desde que o mundo é mundo, ou seja, no início de tudo, tem sido uma das padecedoras da desigualdade racial na sociedade em geral, ou seja tem dois agravantes um por ser mulher e outro por ser negra.

Constatamos na maioria das vezes no nicho social, que as pardas e negras trabalham preferencialmente como cozinheiras, na limpeza, doméstica, baba etc. E às de pele branca comumente trabalham como: secretárias, banco, recepcionistas, atendentes de lojas de grife, gerente etc. E são as preteridas pelos pares para relacionamentos etc.

A luta da mulher pobre e negra é diária, e na grande maioria mantém a casa e os filhos(as). As mulheres pobres do terceiro mundo têm dentre suas diversas tarefas a de garantir a reprodução familiar (Cf. MOSER, 1995 p. 13). A mulher negra tornou-se parte fundamental para a manutenção da

vida social. E a pobreza que circunda as favelas, um obstáculo aos bens e serviços necessários à sua sobrevivência.

É neste ambiente que no dia a dia a mulher garante sua subsistência e correlaciona com diversas configurações de racismo, as desigualdades de gênero e desenvolvendo diversos tipos informais de organização, gerador de mudanças sociais. “A experiência de vida dessa mulher exige que ela negocie, reivindique, construa alianças, estabeleça diálogo com diferentes interlocutores. Dito de outra forma se organize criativamente diante da dinâmica da sua realidade.” (REZENDE, 2008 p. 28). É neste universo da vida cotidiana, em um conjunto de interações e relacionamentos que surgem as organizações informais, se constituem tendo em vista a conservação e persistência para continuar a sobrevivência, provocando com isso mudanças em um contexto local.

Ao longo dos anos, constatamos por meio das estatísticas que a favela é um o lugar subalternizado das pessoas afrodescendentes no Brasil e que tem as piores condições de vida e que as acompanham historicamente e abrangem, desde índices inferiores de inserção no mercado de trabalho, salários baixos e com altos índices de mortes violentas e de cárcere privado. Segundo afirma Guimarães (1999),

O racismo e o ‘preconceito de cor’ são formas racializadas de se naturalizar a segmentação da hierarquia social. A racialização desta hierarquia pode, inclusive, ajustar-se, segundo as regiões e o tempo histórico, provendo sucedâneos simbólicos aos ‘negros’, como são, no Sudeste brasileiro, os epítetos de ‘baianos’, ‘paraibás’ e ‘nordestinos’. (GUIMARÃES, 1999, p. 27)

A dinâmica social onde está inserida a mulher negra é movida pela ordem capitalista, o que faz com que a luta da maioria seja por direitos sociais e muitas vezes direitos básicos de sobrevivência, reivindicando junto aos poderes públicos a satisfação de demandas que decorrem das próprias exigências do capital, tal como ele se constitui atualmente.

A mulher negra sempre necessitou estar obrigatoriamente inserida na luta por melhores condições de existência e isto se dava por meio de diversas formas de organização, desde o período escravagista, no pós-abolição e até os dias atuais, com organizações que nem sempre se acomodaram nos moldes formais, mas que sempre foram constantes.

Os desamparados, articulam entre si, buscando estratégias de sobrevivência. E que para conhecer, como eles vivem, é necessário ir à favela (*in loco*), e é nesse espaço de construção da história, que se pode aprender

como eles se fundam para subsistir ou resistir, às ordens e os discursos fragmentados e destrutivos da sociedade.

2. Gravidez na adolescência

A gravidez indesejada, ocasiona uma variedade de barreiras e dificuldades na vida de jovens mães e pais que ainda não se encontram se preparados para criar um novo ser. A adolescência é o período da dualidade entre ser criança e ter corpo de adulto. É o momento de conhecer o próprio corpo e experimentar novas sensações, e um começo de uma nova fase, a de entrar em contato com a sexualidade.

Os negros são maioritariamente pobres na sociedade brasileira e povoam as favelas que formam verdadeiros centros periféricos, espaço visto como gerador de violência, muitas vezes ocasionado pelo desemprego e a fome. Neste aspecto a favela entendida como um território de maioria negra, como construção da base material sobre a qual é produzida a história. (CUNHA, 2001, p. 05 a 15)

Em nosso entendimento a gravidez precoce reflete a pobreza, problemas sociais das favelas, ambiente familiar desestruturado, falta de informação e violência sexual. Isso faz com que as meninas tenham seus projetos de vida modificados, o que pode contribuir a perpetuação dos ciclos de pobreza,

[...] à mãe entendeu a resposta muda da filha. Agora ela mesma e que iria preparar os chás. Como haveria de criar mais uma criança ~ o que fazer quando o filho da menina nascesse. Na casa já havia tanta gente! Ela o marido e sete crianças. E agora teria o filho da filha. (EVARISTO, 2016 p. 27)

A favela dificulta o ambiente familiar, colocando a gravidez como um acidente que desestrutura o pouco que ainda existe. A menina mulher, também, não reconhece os atributos que o corpo oferece, que não passam pela relação amorosa desestruturante e se autoafirma nessa relação. É chegada a hora de encarar o sexo com consciência e prevenção, não obstante as doenças sexualmente transmissíveis que estão ainda tirando vidas que se perdem na fragilidade.

Em um primeiro momento a família, quando existe, assume a paternidade de criação afetiva de aquele ser. O abandono da escola, a vergonha, a baixa estima: o se esconder e o se arrepender de um passado presente.

Nos tempos atuais, um dos fatores que contribui para ocasionar esse desajuste familiar é uma escola desestimulante e sem método que não atende as ansiedades dos jovens frequentadores, criando um vazio muito grande dentro do binômio família-comunidade. Daí, a busca que confunde afeto com realização, o casal que ora busca entretenimento nos bailes e eventos sociais, traduzem uma ansiedade incontrolável que acaba gerando uma falsa relação de realização e que atribui a mulher o atributo de oferecer satisfação.

A falta de reconhecimento da sexualidade adolescente e a persistência de expectativas tradicionais em relação ao comportamento sexual esperado de homens e mulheres, aliadas à dificuldade do acesso à contracepção e aos outros meios de prevenção para um sexo mais seguro, produzem não apenas as condições de uma alta prevalência da gravidez não planejada, mas também podem ser associadas a uma maior suscetibilidade das mulheres jovens a infecções pelo HIV e outras DSTs (BRASIL, 2009).

3. “Quantos filhos Natalina teve”, de Conceição Evaristo

A literatura da escritora negra Conceição Evaristo demonstra a obtundência de sua escrita para as questões sociais que (re)surgem com ampla força na contemporaneidade, que são as lutas contra o racismo, o machismo e os privilégios de classes.

É imprescindível perceber que a obra evaristianiana vem, conquistado um público diverso. Dessa forma a característica principal da escrita de Evaristo se concentra em uma nudação da realidade muito silenciada, o que a autora faz com tanto esmero.

Portanto na obra “Quantos filhos Natalina teve” (EVARISTO, 2016), constatamos que a vivência de Natalina, moradora de favela, se parece com o cotidiano de muitas mulheres, principalmente as negras dos subúrbios e zonas periféricas, assim também, como a personagem Natalina.

Conhecedores somos que na época atual muitos grupos, movimentos sociais, estudos culturais, muito têm feito na defesa dos grupos marginalizados. Entre outros acontecimentos a partir desses movimentos escritores contemporâneos que abordam esses conteúdos, se destacam na literatura e produções artísticas contemporâneas.

Nesta linha de abordagem a escritora Conceição Evaristo vem se destacando com força por meio de suas produções relacionadas a mulheres avós, filhas, netas dentre outras.

Além disso, a própria concepção do ser (e estar) mulher (na) é variável, como apontou (BEAUVOIR, 2016, p. 190) ao dizer que “(...) em verdade, ninguém nasce gênio: torna-se gênio; e a condição feminina impossibilitou até agora esse ‘tornar-se’” (p. 190), frase célebre caracterizada como um importante marco do feminismo contemporâneo.

Fica evidente que “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo (2016), é um texto complexo, não pela dificuldade linguística, que por vezes, dificulta a leitura literária na educação básica, mas por oportunizar fértil e prolífero texto simbólico de composição única.

O conto “Quantos filhos Natalina teve?”, um dos mais significativos da obra “Olhos d’água” (2016), bem como a forma da abordagem do conteúdo que a escritora aborda, oportuniza a interação na problemática enfrentada pelas mulheres negras. Embora estes problemas existam desde a formação da sociedade humana ainda nos afetam de alguma forma. E na atualidade são temas que estão presentes nas discussões contemporâneas como a personagem Natalina, apesar das situações embaraçosas que viveu, ainda teve forças e fé para criar o único filho que chamou de seu.

“Olhos d’água” (2016) estão narrados em terceira pessoa, sendo outros dois em primeira e um que utiliza tanto a primeira quanto a terceira pessoa, sendo que o narrador coloca a voz do sujeito em posição de narrar a totalidade de suas experiências.

A narrativa apresenta a história de natalina e suas impressões quanto a maternidade, pois não tinha entendido o significado de ser mãe devido à falta de orientação e ser muito jovem, quase uma menina na primeira gestação e seu quarto filho representa sua maturidade, e o ser forte que tornou, diante dos fatos e de suas experiências.

O conto retrata ainda as várias formas de violência sofrida por ela, ainda menina. Pois as meninas da Comunidade faziam abortos por meio de chás ou até mesmo de maneira invasiva por Sá Praxedes que era um parteira.

Natalina decidiu fugir pois não se exporia a parteira, sem entender muito bem, ela mal sabia o que seria a função de uma parteira clandestina:

[...] Ia tentar mais um pouco de beberagens, se não desse certo, levaria a menina a Sá Praxedes. A velha parteira cobraria um pouco, mas ficariam

livres de tudo. Natalina segurou o temor em silêncio. Sá Praxedes, não! Ela morria de medo da velha. Diziam que ela comia meninos. Mulheres barrigudas entravam no barraco de Sá Praxedes, algumas, quando saíam, traziam nos braços as suas crianças, outras vinham de barriga, de braços e mãos vazias. Onde Sá Praxedes metia as crianças que ficavam lá dentro? Sá Praxedes, não! A mãe de Natalina e as outras mães sabiam que era só dizer para as crianças que iam chamar a velha e os filhos ficavam quietos, obedeciam. (EVARISTO, 2016, p. 44-5)

Nesta abordagem fica evidente o medo e a desinformação e até mesmo uma exploração psicológica para com as crianças da comunidade. Durante os processos de gestação, a personagem sofre a exploração de seu próprio corpo: a primeira delas, como objeto, ocorre na casa de um casal de classe econômica alta, na qual trabalha como doméstica, pois, a esposa do patrão não consegue engravidar e ter um filho, Natalina aceita a proposta de gerá-lo:

A terceira gravidez, ela também não queria. Quem quis foi o casal para quem natalina trabalhava. Os dois viviam bem. Viajavam de tempos em tempos e quando regressavam davam sempre festas. [...] Um dia, enquanto divagava em seus sonhos de pretensa dona, o telefone tocou. Era a patroa que ligava do estrangeiro, em prantos, e lhe pedia ajuda. Ela queria e precisava ter um filho. [...] A mulher queria um filho e não conseguia. Estava desesperada e envergonhada por isso. Ela e o marido já haviam conversado. Era só a empregada fazer um filho para o patrão. Elas se pareciam um pouco. Natalina só tinha um tom de pele mais negro. (EVARISTO, 2016, p. 47)

Nesse ponto percebemos que natalina não teve saída, precisava se manter, viver para não passar fome, aceita a condição imposta pelo casal, então temos aí a situação da barriga de aluguel embora ela não tenha recebido nada por isso.

Tal situação nos remete às escrituras sagradas, quando Sara pede para Agar se deitar com Abraão (Gênesis: 16-19): “Ora, Sara, mulher de **Abraão**, não lhe gerava filhos, e ele tinha uma serva egípcia, cujo nome era **Agar**. ... E disse Sarai a **Abraão**: Eis que o Senhor me tem impedido de gerar; entra, pois, à minha serva; porventura, terei filhos dela.”

Ou seja, uma prática antiga, escravos e empregados que não têm condições de sobrevivência se submetem a ordem de seus senhores. Agar na condição de empregada, não escolheu engravidar de Abraão. Nestes tempos modernos, temos a barriga de aluguel e ou por outros meios, como formas de exploração. Vemos, no conto, a jovem Natalina, que em dada ocasião sofre um estupro por um desconhecido e em seguida, após o ato

aproveitando um descuido, matou o homem que a violentou, e, por incrível que pareça, ficou grávida e desejou a criança para si:

Não dessa vez ela não devia nada a ninguém. Se aquela barriga tinha um preço, ela também tinha tido o seu e tudo tinha sido feito como uma moeda bem valiosa. Agora teria um filho que seria só seu, sem ameaça de aí, de mãe, de Sá Praxedes, de companheiro algum ou de atreos. E haveria de ensinar para ele que a vida e viver e morrer. E gerar é matar. (EVARISTO, 2016, p. 46)

Neste conto, percebemos uma Natalina disposta a romper com o ciclo a que viviam fadadas as meninas, marginalizadas do seu meio social. Não queria construir um modelo familiar tradicional, pois acreditava ser um meio socialmente injusto, carregado de preconceitos, violências e desigualdades. Dessa maneira, pensou ter e criar um filho, sem a presença de um pai, e principalmente de um homem, que nem ela mesma conhecia.

Já que dificilmente escaparia da violência e exploração, devido às condições de vida, ela pensou, esse filho eu posso dizer, que é só meu. Existem muitas Natalinas espalhadas pelo mundo afora, sem perspectivas, sem desejos, sem vontades próprias, mas subjugadas a vontade dos outros.

Em termo de Brasil, foi somente a partir da Constituição brasileira de 1988, que as mulheres conseguiram articular os Conselhos dos Direitos das mulheres, ou seja pouco mais de trinta anos que obtiveram esta conquista em uma perspectiva de igualdade dos direitos específicos, sejam eles, no âmbito familiar, discriminação no mercado de trabalho, planejamento familiar, obrigação do estado coibir a violência familiar e no trabalho etc.

Nesse cenário, é que foi criado, em 1985, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, responsável pela formulação “de diretrizes e políticas em todos os níveis da administração pública, direta e indireta, com vistas à eliminação das discriminações contra a mulher” (ALMEIDA, 2007, p. 9).

4. Considerações finais

Historicamente as mulheres são protagonistas desta luta em defesa do direito de ser respeitada, valorizada e de se representar como tal. O principal marco legal, considerado de combate à violência contra a mulher, foi a lei Maria da Penha – Lei nº 11.340 (BRASIL 2006); essa lei foi significativa para a conquista contra a violência de gênero.

Em 10 de março de 2015, foi aprovada a lei contra o feminicídio, indicando que, se homem ou mulher cometer um crime contra uma mulher, respondera por feminicídio (Art. 121, do código penal), mas o que vemos na atualidade é uma enxurrada de atos criminosos contra mulheres. Nos noticiários, quase todos os dias acontecem crimes contra mulheres. Parece que houve um retrocesso no Brasil, os homens não estão levando em consideração, toda a legislação vigente que coíbe tal ato.

Em um país, onde se tem uma das melhores e bem elaborada legislação em defesa dos direitos da mulher, não existe um programa de prevenção bem como uma rede de apoio às vítimas, e, se não bastasse os números de violência crescendo a cada dia, tudo isso soa irônico e como se não existissem leis e programas de combate à violência.

Verifica que está havendo um certo desmonte dos direitos já conquistados, devido à ala conservadora no governo e por fatores econômicos. A violência tem origens nas relações sociais e se apresenta de variadas formas: sexual, física, psicológica, racial entre outras. Ressaltamos que o Estado é o principal meio de conscientizar a sociedade e promover mudanças na visão das pessoas quanto aos direitos das mulheres, promovendo debates e informações na sociedade em geral.

As mulheres em situações de vulnerabilidade na maioria não sabem onde recorrer e buscar ajuda, por isso muitas entram em relações perigosas, desconfortantes e em muitos casos nem sabem identificar um ato de violência, pois apesar de tudo, existem fatores culturais que interferem na existência, legitimidade e estratégias de enfrentamento. Por exemplo, um ato violento pode parecer trivial para uns e para outros não.

Enfim, como sociedade, estamos caminhando a passos lentos no processo de compreensão das necessidades das populações inferiorizadas. No nosso país, ainda não se consolidou esse processo de justiça para as populações subalternizadas, e ainda sem contar as populações incluímos indígenas. A nação brasileira tem saldo negativo e deve muito para os africanos e para as comunidades indígenas.

Enquanto não houver igualdade de direitos em termos de oportunidade, estudo, trabalho, habitação, saúde, para todos, a sociedade brasileira ainda será profundamente injusta.

Diante do exposto, temos uma Conceição Evaristo, escritora negra, mulher e originária de camadas populares, que utilizou a sua literatura para protagonizar aqueles a quem o silenciamento foi dado como regra. A obra

mexe com as estruturas tão perversas da sociedade para dar lugar à autoria negra, à voz feminina e à discussão sobre a dureza enfrentada pelas famílias pobres.

De fato, o movimento negro representa uma revolução social e cultural, que contribuiu e contribuí para o desnudamento das feridas deixadas pelo colonizador português e ainda traz à tona fatos e ações conduzidos por aqueles que geralmente não têm voz e vez, como é o caso dos negros, dos indígenas, das mulheres e dos pobres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Suely Souza de. Essa violência maldita. In: _____. *Violência de gênero e políticas públicas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o Contemporâneo?. In: _____. *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*; Trad. de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó-SC: Argos, 2009.

BEAUVOIR, S. *O segundo Sexo*. V. 1, 3. ed. Rio de Janeiro-RJ: Nova Fronteira, 2016.

BRASIL. *Lei Maria da Penha (2006)*. 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 34 p. (Série ação parlamentar n. 422)

BRASIL. Decreto-lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: www.planalto.gov.br.

BRASIL. Decreto-lei nº 11.645, de 10 de março 2008. Disponível em: www.planalto.gov.br.

CUNHA. *E suas reflexões parecem-nos adequadas à situação encontrada*. 1997, p. 111

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

GUIMARÃES, Beatriz. Feminismo Trans. In: _____. *Dicionário: MICHAELYS Língua portuguesa*, 24. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

LIMA. A. Barbosa. *Participação social no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 1983.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MOSER, Caroline; MACILWAINE, Cathy. *Encounters with violence in Latina America: urban poor perceptions from Colombia and Guatemala*. Routledge, London, 2004.